

ENTREVISTA: PROF. DR. MIGUEL SROUGI*

O Prof. Dr. Miguel Srougi, Professor Titular de Urologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, formado em 1970 pela FMUSP e pós-graduado em Urologia na Harvard Medical School, em Boston (EUA), concedeu entrevista à Revista de Medicina. Nessa entrevista, o maior expoente da Urologia no Brasil comenta a atual formação médica na FMUSP, a abertura das novas Escolas Médicas, as dificuldades enfrentadas no exercício da medicina e as perspectivas da Urologia. Além disso, conta como decidiu torna-se médico e suas experiências acadêmicas na Casa de Arnaldo, especialmente com Show Medicina e a Casa dos Estudantes de Medicina. Também revela o que considera um bom médico e o bom cirurgião.

R.M.: Por que você escolheu a Medicina?

Srougi: O médico não nasce formado, ele é transformado em médico. Um dos fatores que, com certeza, leva alguém a fazer Medicina são os modelos que ele encontra nas primeiras etapas da sua vida. O jovem, quando cruza com os exemplos que o encantam, cria certa identidade e tende a percorrer os caminhos que o aproximam desses exemplos. Eu tive alguns modelos de médicos na minha infância, que me marcaram de maneira definitiva. Além disso, acho que fui bastante influenciado por meu pai, que dentro da sua simplicidade, tinha uma deferência além dos limites para com os médicos, tenho certeza que sonhava ter um filho médico e deixava isso transparecer de maneira ingênua e não-verbal, mas constante.

Para ser mais justo, quando eu disse, no início, que

o médico não nasce como tal, falei uma meia-verdade, porque o médico, para exercer a Medicina, precisa ter algumas características pessoais natas, necessárias para transformá-lo em alguém capaz de exercer essa profissão na sua dimensão mais sublime. Dentre elas e provavelmente a mais importante, é a capacidade de doação, o espírito altruístico. Essa é uma das marcas incomparáveis dos verdadeiros médicos. Ele não se importa em se prejudicar para auxiliar o próximo, não se importa em se privar para servir ao próximo.

R.M.: Quem foram seus modelos que lhe inspiraram tanta doação exigida pela Medicina?

Srougi: Na minha infância eu convivi com dois tios médicos, que me impressionavam muito. Eram pessoas que se

* Entrevista realizada por Alan Saito Ramalho e Tarcila Marinho Cippiani, em 05 de Setembro de 2008.

dedicavam intensamente à profissão e que tinham posturas éticas e morais que me seduziam, de modo que eles, sem saber, representaram a primeira motivação para que eu me tornasse médico.

Tendo feito essa opção, posso hoje dizer que sou bastante feliz, melhor dizendo, acho que vivo a felicidade até onde ela é possível. A Medicina nos oferece um privilégio sem paralelo na existência humana: a chance de aliviar o sofrimento alheio e de resgatar seres para a vida. A sensação proporcionada por esses momentos é incomparável. E isso acontece no cotidiano da vida médica. Esse processo pode ser explicado de outra maneira e envolve o conceito de felicidade plena. De acordo com um professor hindu, que leciona na Inglaterra, ser feliz é estarmos contentes com o que somos, é viver um continuum de bem-estar físico, mental e afetivo. Porém, a vida me ensinou que só isso não é suficiente para sermos felizes. Nós não conseguiremos atingir esse estado, mesmo usufruindo de todo o bem-estar, se não estivermos cercados por pessoas felizes. O médico, como ninguém, tem a oportunidade de criar a felicidade no seu entorno. Quando você resgata um paciente para a vida, quando você estende sua mão para uma família desesperada e desamparada, quando você faz ações que beneficiam uma comunidade, quando você ensina e impregna as novas gerações com sentimentos não apenas técnicos, mas também humanísticos, multiplicando a sua capacidade de transformar positivamente a sociedade. Criamos a felicidade e enriquecemos nossa existência nesses momentos.

R.M.: Esse poder do médico muitas vezes é subestimado ou não é percebido...

Srougi: É verdade e é uma pena que isso aconteça. A possibilidade de interferir não apenas na vida dos nossos pacientes, mas também de poder multiplicar essa ação e transformar o cotidiano, serve para compensar os momentos menos inebriantes que envolvem a profissão médica. Profissão que exige o comprometimento pessoal permanente, a separação da família, a convivência com o sofrimento, e que, às vezes, acompanha-se de incompreensões injustas da sociedade, que nem sempre reconhece as limitações da Medicina ou a existência de fatos inexoráveis que envolvem a vida humana, como a morte implacável, a decadência física pelo passar dos anos ou a ocorrência de doenças sem cura.

R.M.: Como você analisa a formação médica atual em comparação com a formação que você teve?

Srougi: Quando eu estudei Medicina, o curso era hermetico, conservador, integral. Tínhamos aulas o dia inteiro e isto fazia o curso ocupar inteiramente as nossas vidas. O conceito que prevalecia era de que bons médicos somente seriam produzidos se aulas e conhecimentos técnicos fossem transmitidos das 8 horas às 18 horas, sem espaços

para o enriquecimento pessoal. A sociedade e as novas gerações deixaram de aceitar essas idéias e isto promoveu uma grande transformação no ensino médico. Ficou claro que para se formar bons médicos na sociedade contemporânea, é absolutamente necessário impregnar os alunos de Medicina com uma bagagem intelectual, humanística e de compreensão do mundo que habitamos, que somente é adquirida com as experiências vividas no cotidiano, com a convivência social intensa e com o desempenho constante de todas as atividades humanas.

R.M.: Você participava das atividades acadêmicas como a Atlética, o DC (Departamento Científico), o CAOC (Centro Acadêmico Oswaldo Cruz) ou o Show Medicina quando aluno da FMUSP?

Srougi: Minha geração vivia intensamente a Faculdade, desde o primeiro ano. Estudávamos em tempo integral, o que nos dava menos oportunidades para desempenhar atividades comunitárias, sociais e de lazer. Os médicos da minha época formavam-se com uma visão mais limitada do mundo, por causa da onipresença da Faculdade de Medicina nas nossas vidas. Incluo-me nesse grupo. De qualquer forma, não passei os anos da Faculdade de Medicina totalmente insano. Fui Diretor de Futebol e Diretor de Patrimônio da Atlética, joguei como beque central no time da Faculdade, desconfio que talvez não jogasse tão bem como eu imaginava, meus amigos até hoje só falam das minhas brigas e não do meu jogo. Fui artista do Show Medicina, minha turma fundou o BUM e até hoje sou extorquido com ameaças sucessivas de se trazer a público as fotos com minhas performances, diríamos, artísticas.

R.M.: Dar mais atenção a esses outros aspectos da formação do indivíduo faz com que os estudantes de Medicina estejam perdendo qualidade técnica?

Srougi: Definitivamente não. Talvez exista uma perda da qualidade técnica dos egressos da Faculdade, mas não por causa dessa nova postura, que abre espaços para atividades extracurriculares. Acho que os motivos são outros. A minha percepção é que existem, atualmente, erros pedagógicos relevantes, existem também problemas na elaboração do currículo da graduação e na sua aplicação na vida real.

As disciplinas do curso básico da Faculdade de Medicina da USP, com poucas exceções, praticamente inexistem como tal nos dois primeiros anos, dada a precariedade e o descaso com que são providas. São disciplinas surreais. O ciclo clínico intermediário, desenvolvido no 3º e 4º anos, é mal controlado e, frequentemente, mal administrado, pois cada Disciplina ou Professor conduz o curso da maneira que lhe convém, sendo também verdade que alguns deles não se preocupam com os preceitos mais elementares do processo de educação médica. A Comissão de Graduação, mesmo contando com membros altamente

qualificados e comprometidos, faz avaliações sucessivas e intermináveis dos cursos ministrados, mas não utiliza os dados auferidos para corrigir as imperfeições e promover as transformações desejáveis. Sou Professor Titular há três anos e nunca a Faculdade me apontou se algum docente da Urologia é desinteressado ou incapaz, se o meu programa é pertinente, se estamos conseguindo transmitir aos alunos os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que eles tem que assimilar e desenvolver. Nunca ouvi ou recebi qualquer análise, sugestão ou crítica.

O Internato, que é o ponto alto da formação médica na FMUSP, é bem estruturado e administrado, porém, antecede esse exame, mal posto e quase maldito, de final de curso, absolutamente aterrorizador e paralisante, que irá levar os graduados para o céu ou para o inferno. Num dado momento, os alunos passam a se preocupar com as questões da prova e não com os pacientes nas enfermarias. A angústia dos alunos os tem levado a ingressar em cursinhos de Medicina, fato que a Faculdade e seus dirigentes preferem ignorar. Gostaria de saber qual será a reação dos nossos Professores quando um visitante de Harvard ou de Stanford, absolutamente aturdido, perguntar por que os alunos da Faculdade de Medicina da USP fazem um cursinho de Medicina no final do seu curso de Medicina.

Além desses problemas, acho que a abertura da graduação, com espaços para atividades alternativas, não foi bem feita. Criaram-se cursos eletivos, muitos dos quais são ministrados de forma precária e que não tem sido avaliados, corrigidos ou eliminados pelo colegiado pertinente quando mal desenvolvidos, de modo que muitos alunos são penalizados com a perda de tempo e frustrações em seus ideais.

Em resumo, os responsáveis pela Graduação na Faculdade de Medicina, por questões políticas ou por acomodação, deixam de cobrar dos responsáveis pelas disciplinas nucleares e eletivas mal avaliadas, as medidas de ajuste desejáveis, perpetuando a ineficiência. Para agravar, muitos cursos são administrados por docentes pouco comprometidos com o ensino ou pouco afeitos aos processos de pedagogia e educação médica e quase nada é feito para corrigir essa imperfeição.

R.M.: Então, o PAC (Programa de Avaliação Curricular), que os alunos preenchem ao final dos cursos, não são bem aproveitados...

Srougi: Não. Qualquer processo de avaliação pedagógica ou didática tem dois objetivos. O primeiro é confirmar a eficiência do método empregado e quantificar a aquisição dos conhecimentos transmitidos; o segundo objetivo, não menos relevante, é o de oferecer informações que permitam sanar as deficiências e aprimorar os cursos.

Na Faculdade de Medicina esse segundo objetivo é pouco valorizado, diria melhor, pouco aproveitado. Eu acredito que se a FMUSP adotasse um sistema de avaliação das suas Disciplinas parecido com o que é feito pela CAPES, que a cada três anos publica um ranking dos programas de pós-graduação no Brasil, com notas e uma análise muito rigorosa, aí sim criaríamos um programa modelar de graduação na nossa Faculdade. Todas as áreas teriam de lutar arduamente para se posicionar bem nesse ranking, eliminariam suas deficiências e o processo de educação médica iria se enriquecer numa proporção imensurável.

R.M.: A partir de sua experiência no exterior [fez estágio pós-doutorado na Harvard Medical School], como você compara o Ensino Médico no Brasil com o de outros países, como os Estados Unidos da América? O Brasil está muito atrás?

Srougi: Seguramente nós estamos atrás. Nos Estados Unidos, os responsáveis pelo ensino médico têm poder para executar as modificações transformadoras. Aqui, teoricamente eles também têm, mas não as fazem, freqüentemente por receio de enfrentar embates com os outros membros da Instituição. Assim, as correções de rumo ocorrem de forma muito lenta, na verdade só surgem quando as imperfeições são muito graves. Nos EUA, as modificações são realizadas prontamente, quase sempre apoiadas em processos de avaliações rigorosos e alheios às pressões políticas. Programas, cursos e, até mesmo,

docentes mal qualificados são eliminados pelo sistema se não realizarem as adaptações corretivas. No Brasil, isso não ocorre. E, pior ainda, essa imperfeição não se restringe apenas às instituições de ensino. A visão míope começa lá em cima. Por exemplo, o repetidamente criticado e repetidamente ignorado processo de multiplicação de Escolas Médicas em nosso país, já revela uma desorganização incômoda do nosso sistema educacional. Existem hoje no Brasil quase 170 faculdades de medicina, a grande maioria pertencente à rede privada de ensino.

Pessoalmente, não acho que criar Escolas Médicas seja despropositado. Não podemos ignorar que a população do Brasil é grande e que um número indecente de brasileiros não tem acesso ao ensino superior. Somente 10% deles ingressam na universidade. Na Coreia, em franco desenvolvimento, esse índice é de 50% e nos Estados Unidos ele situa-se próximo a 80%. Por isso, aceito que sejam criadas mais vagas ou novas escolas superiores, mas esse processo tem que ter alguma racionalidade e consistência. Minha crítica maior é que as novas faculdades estão sendo criadas pela ganância e não pelos interesses da sociedade, visam o lucro e não a criação de recursos humanos mais qualificados

“Se a FMUSP adotasse um sistema de avaliação das Disciplinas como o da CAPES, com um ranking, notas e análises muito rigorosas, criaríamos um programa modelar de graduação na nossa Faculdade”

em saúde pública. Isso explica porque cerca de 90% das faculdades de medicina abertas recentemente localizam-se na região sudeste do país, já saturada de médicos e bastante rica para patrocinar os lucros almejados. Explica, também, a baixa qualidade desses novos cursos, criminosamente tolerada pelas autoridades e pelo governo.

Em resumo, o que me incomoda não é o excessivo número de escolas médicas, mas sim o excesso de escolas mal qualificadas e mal distribuídas. Além, obviamente, do viés de lucro que as orienta, que deturpa todo o processo de ensino médico.

R.M.: Você ajudou a financiar e inaugurar o moderno Centro de Ensino e Pesquisa em Cirurgia (CEPEC), na FMUSP. O que o motivou a tal iniciativa?

Srougi: Num primeiro olhar, o CEPEC constitui uma unidade puramente técnica, de treinamento em cirurgias minimamente invasivas, principalmente as intervenções video-assistidas. Antes de sua criação, os Residentes da nossa Instituição aprendiam a realizar cirurgias laparoscópicas em pacientes do Hospital das Clínicas, o que era feito com certa dificuldade, dada a complexidade técnica dessas intervenções e o elevado número de complicações cirúrgicas relacionadas. Com a ajuda de um bom tutor, nossos Residentes sempre executaram cirurgias abertas com segurança, sem riscos para o doente. Essa segurança não estava presente nas cirurgias laparoscópicas, que mesmo acompanhadas por um bom tutor, envolviam chances elevadas de complicações graves. Isso criava uma situação desconfortável para todos os envolvidos, não tínhamos o direito de colocar um paciente em risco sob a justificativa de prepararmos as novas gerações de cirurgiões.

O que estou querendo dizer é que mais do que representar um local incomparável para o ensino das intervenções laparoscópicas, o CEPEC eliminou a grande questão ética que envolvia esse processo. Agora os nossos pacientes, as pessoas mais humildes que recorrem ao Hospital das Clínicas e nos entregam suas vidas com a esperança última de um tratamento digno e qualificado, são tratadas com mais competência por um grupo de Residentes altamente habilitados nas intervenções laparoscópicas. O CEPEC tem essa essência, está fazendo com que as novas gerações de cirurgiões exerçam suas ações com elevada qualidade técnica, obedecendo aos princípios éticos e, portanto, com grande respeito à condição humana.

R.M.: Ajudar os acadêmicos da FMUSP, por exemplo, com a Casa do Estudante de Medicina, e essas outras ações são louváveis. O que o leva a ter essas iniciativas?

“O que me incomoda não é o excessivo número de escolas médicas, mas sim o excesso de escolas mal qualificadas e mal distribuídas”

Srougi: Como disse anteriormente, tenho a percepção clara que para ser feliz, além de outras necessidades, eu precisava estar cercado por pessoas felizes. Apesar das minhas limitações e inúmeras imperfeições, tenho procurado ajudar àqueles que habitam o meu micro-entorno, não sei até que ponto torno essas pessoas felizes, mas confesso que com isso tenho pacificado o meu coração e a minha existência.

Os alunos da Faculdade de Medicina da USP sempre me tocaram, provavelmente pela identidade da origem e porque vejo neles a oportunidade de poder multiplicar minhas ações e ideais médicos, de superar a pouca abrangência da minha atuação pessoal, que será sempre pontual e menos transformadora. Esses alunos passam vitoriosos por um vestibular cuja dificuldade não tem paralelo e alguns deles, por limitações materiais, convivem com algumas privações, incompatíveis com a distinção do seu papel.

A reforma da Casa do Estudante foi feita para conceder a minha pessoa um pouco daquela felicidade e para que esses alunos pudessem viver de forma mais digna, num período encantado de suas vidas. Peço desculpas pela obviedade, mas essa dignidade é imprescindível para que sejam produzidos médicos impregnados por sentimentos humanísticos, que juntos com o conhecimento técnico, representam a essência da atuação médica.

R.M.: É difícil promover essas iniciativas? Existe um status quo que precisa ser enfrentado para elas poderem se concretizar?

Srougi: Não é tão difícil, pois atualmente existe uma compreensão maior da comunidade sobre o seu papel insubstituível de indutor e de apoio às transformações sociais enriquecedoras, ela sabe que só os governos são impotentes para produzir esses avanços.

A meu ver existem pelo menos três fatores que viabilizam essas iniciativas de obtenção de apoio. O primeiro é a credibilidade que cerca as nossas pessoas e as nossas ações. Quando falo de credibilidade, estou me referindo à algumas características que não são natas. Elas podem ser desenvolvidas em cada um de nós. Estou me referindo às virtudes como integridade, altruísmo, coerência, solidariedade, e outras, que, confesso, raramente são encontradas juntas num mesmo ser humano. Por isso, para se conquistar a credibilidade, temos que lutar continuamente para que essas virtudes prevaleçam nas nossas ações, o que nem sempre é fácil. Por exemplo, ninguém nasce e será sempre íntegro. Quem nunca se omitiu perante a injustiça ou a indigência por comodidade? Quem nunca contou uma blasfêmia para se beneficiar? Quem nunca ofereceu bens materiais em troca de vantagens? O que estou querendo dizer é que

a integridade, assim com todas as virtudes, tem que ser exercidas em cada momento, em cada pensamento, em cada ação. Precisamos nos policiar continuamente e quando isto é feito com sucesso, geramos a credibilidade.

Os médicos têm certo privilégio quando partem para obter apoios na sociedade. A nossa capacidade de resgatar a vida e combater o sofrimento humano, a intensa relação pessoal e afetiva que estabelecemos com os nossos pacientes e a reconhecida abnegação exigida no exercício da Medicina, além de outros motivos, criam uma aura em torno do médico, que facilita a aceitação de seus pleitos à comunidade.

Existe um terceiro fator que facilita a obtenção de apoios. Tocar o coração do nosso interlocutor, com idéias e projetos que são caros à sua pessoa. Amantes das artes ou dos esportes, indivíduos que passaram por privações em épocas remotas, famílias com membros atingidos por doenças mais complexas e pessoas carregadas de sentimentos altruístas ou de gratidão por graças recebidas, são obviamente mais receptivos a apelos que envolvem apoios às diferentes instituições sociais.

R.M.: Você é admirado pela sua competência, credibilidade e humanismo. O que foi importante para isso?

Srougi: Acho, sinceramente, que não tenho todas essas virtudes, sou mais crítico com relação a minha pessoa. Com o tempo aprendi que para ser um bom médico, não bastava ser dotado de ilustração técnica, era absolutamente necessário que eu estabelecesse relações humanas genuínas e de profundo respeito com o meu entorno. Com isso, fui me moldando como homem e como médico.

Deixando de falar da minha pessoa e aproveitando a tua pergunta, gostaria de explicar o que eu entendo por bom médico. Repito o que já disse: o exercício da Medicina, realizado na sua maior dimensão, apóia-se em dois pilares: o conhecimento científico e o humanismo. Por isso, o bom médico, além do conhecimento, precisa ter outras características inegociáveis, que quero salientar: 1) senso humanístico muito desenvolvido; 2) ser coerente nas suas ações, para poder ser o exemplo. A falta de coerência é um dos defeitos mortais de certos líderes, já que sem coerência não é possível ter credibilidade; 3) ter certo desapego material, para se respeitar a natureza altruística da Medicina. As ações médicas não podem ser simplificadas e transformadas em uma visita ao supermercado, onde se recebe uma mercadoria e se dá algo em troca; 4) entender a psicologia humana; 5) reconhecer o sofrimento humano; 6) estar presente; 7) comunicar-se numa dimensão maior; 8) ser humilde, compreender e expor as limitações da

“O exercício da Medicina apóia-se em dois pilares: o conhecimento científico e o humanismo”

“Um dos dogmas da Medicina é o altruísmo: atuar em benefício dos outros, colocando-os acima da nossa pessoa e dos nossos interesses”

medicina; 9) dar suporte à família, que sempre representa o único ponto verdadeiro de apoio e alento para qualquer enfermo e 10) gerar esperança, mesmo que sejam vislumbres de esperança, para que o paciente, mais pacificado, possa superar os ventos da incerteza.

Nenhuma dessas características é mais importante do que outra. O bom médico é aquele que une o maior número dessas virtudes e se posta ao lado do paciente, como leal companheiro de viagem.

R.M.: Você poderia explicar melhor esse desapego material?

Srougi: Um dos dogmas da Medicina é o altruísmo, que significa atuar em benefício dos outros, colocando-os acima da nossa pessoa e dos nossos interesses. Essa definição tem uma conotação de entrega, de desvinculação material, contudo seria irrealista e totalmente injusto exigir que os médicos exercessem suas ações sem nenhuma retribuição material. Ela tem que existir, por todos os motivos óbvios. Mas essa compensação não pode ser a essência da ação médica, seu objetivo principal. Quando esse objetivo passa a representar a finalidade exclusiva da atuação médica, produziu-se não um bom médico, mas possivelmente um charlatão, já que irão prevalecer a falta de escrúpulos e de ética, que se associam frequentemente às ações mal indicadas, mal conduzidas e, conseqüentemente, mal sucedidas. Esses indivíduos poderão até ganhar muito dinheiro, mas não serão respeitados. Como o tempo, médicos e pacientes percebem a indecência e os marginalizam.

R.M.: O que diferencia um bom cirurgião dos demais?

Srougi: Existem algumas características comuns aos bons cirurgiões, logicamente uma das principais é a elevada habilidade técnica, obtida com treinamento qualificado. Eles devem, também, ter as mesmas qualidades pessoais e de comportamento que caracterizam o bom médico, as quais me referi anteriormente.

Existem outros pontos importantes. O bom cirurgião se forma no campo de batalha, que é a arena cirúrgica, de modo que, sem negligenciar na procura constante do saber, o cirurgião não pode se afastar das salas cirúrgicas. Valorizo tanto essa postura, que insisto com as novas gerações para que, mesmo tendo que passar por alguma privação inicial, mantenham atividade prática intensa e continuada após o término de seu treinamento, em geral em hospitais públicos, para que seja atingido um grau de maturidade e experiência que permitirão uma atuação clínica rica e profícua.

O cirurgião precisa ser curioso e inquieto, procurando as explicações para os fenômenos que envolvem todas as etapas do ato cirúrgico em si e para os eventos que precedem ou sucedem cada intervenção. Dessa forma, transforma suas cirurgias e a evolução de seus pacientes, em processos mais consistentes e seguros. De forma curiosa, acho que algumas imperfeições humanas também ajudam nesse sentido. O cirurgião precisa ser perfeccionista e obsessivo, para não se contentar com intervenções incompletas e imperfeitas.

Reconheço que o momento atual, aqui e no mundo, é perverso para o exercício da profissão médica. Para contornar essa situação, costumo recomendar aos jovens cirurgiões que optem e se dediquem a especialidades inovadoras, de consolidação recente, indo procurar conhecimentos adicionais em centros reputados no Brasil ou no exterior. Dedicar-se às especialidades que já estão preenchidas por um sem-número de profissionais ou onde as intervenções tem sido rapidamente substituídas por terapêuticas conservadoras, representa um passo que, com frequência, conduz à desmotivação e à frustração dos cirurgiões.

Em resumo, queria repetir que o bom cirurgião só atinge essa posição, se junto com a habilidade técnica, ele for dotado de caráter e de sentimentos virtuosos. Quando isso acontece, outras eventuais insuficiências são sempre superadas e estaremos vendo pela frente um cirurgião completo.

“O estudante [de Medicina] não pode se deixar seduzir pelo poder pessoal concedido pela Medicina, que é irreal e efêmero, mas precisa ter uma noção perfeita das nossas limitações como médicos.”

R.M.: Você comentou que, apesar de ser um bom médico, tem imperfeições. Quais são suas fraquezas?

Srougi: A natureza humana é altamente imperfeita e eu não consigo fugir dessa regra. Tenho os mesmos defeitos que os outros seres humanos, porém mantenho uma luta pessoal nos limites da minha capacidade para fazer com que esses sentimentos menores, como o egoísmo, a soberba, a inveja, o ciúme ou a mentira, não prevaleçam sobre os mais nobres, como o altruísmo, a solidariedade, a humildade, o bem querer ou o respeito à condição humana. Usufruindo de certo poder na Medicina, vivo em pânico achando que corro o risco de perder o senso crítico e ser tomado por essas imperfeições. Isso me faz viver em constante vigília e gera alguns momentos de desconsolo, quando percebo que não consegui conter meus impulsos mais primitivos. Nesses momentos procuro fazer alguma bondade e vou em frente, com a ilusão presuntiva de que não sou tão imperfeito.

Existe outro problema existencial que me aflige constantemente que é o da integridade pessoal. Essa é uma virtude exigida e auto-proclamada o tempo todo, mas difícil de ser exercida plenamente. Será que existem pessoas totalmente integras? Acho que não, nem eu nem todo o entorno que me cerca. Quem nunca transgrediu regras ou

princípios morais e éticos para obter benefícios para si ou para um próximo? Não encontrei até hoje. Por isso, além de me vigiar continuamente, esforço-me para manter os meus desvios de dentro de limites aceitáveis, ou seja, sem deixá-los ultrapassar os patamares minimamente aceitáveis de respeito à dignidade humana e de compromisso com a verdade.

R.M.: Na sua opinião, quais são as perspectivas da Urologia? Qual o futuro da Urologia?

Srougi: Eu não me atrevo a fazer previsões em Medicina ou na vida, em parte por causa das minhas insuficiências, em parte pela velocidade incontrolável com que as coisas estão acontecendo no mundo, em todas as áreas. No campo da Medicina muito tem se falado das novas aquisições terapêuticas, dos novos métodos de diagnóstico, dos novos conhecimentos de biologia molecular e genética, e a eles se imputa todo o avanço da área. Contudo, se olharmos tudo

isso com uma lupa e com um pouco de senso crítico, não tenho nenhuma dúvida em afirmar que os fatos concretos, como a melhor qualidade de vida das pessoas, o aumento da longevidade e o desaparecimento de doenças que dizimavam populações, resultaram principalmente das medidas adotadas em saúde pública e voltadas para grandes populações, como o controle da subnutrição, os cuidados maternos e infantis, as intervenções sani-

tárias e ambientais, a valorização da moradia e da educação, a vacinação preventiva, etc.

No campo da Urologia vejo um movimento consolidado para a substituição das grandes intervenções cirúrgicas por procedimentos minimamente invasivos, infelizmente dependentes de alta tecnologia e, por isso, ainda inacessíveis à maioria dos médicos e da população brasileira. De qualquer forma, a Urologia continua sendo uma especialidade bastante atraente para as novas gerações, pois as doenças urológicas têm grande prevalência na população e o exercício dessa especialidade exige daqueles que nela militam uma abrangência sem paralelo de conhecimentos técnicos e habilidades. Eu queria lembrar que o urologista é uma mistura de pediatra, também de ginecologista, de oncologista, de endoscopista, de geriatra, de infectologista, de cirurgião vascular, de cirurgião gastroenterológico, de endocrinologista, de psiquiatra, de traumatologista, de imunologista e de transplantador. Curiosamente, cuidando de um sistema que ocupa pequeno volume no nosso organismo, mas que, como todos sabem, envolve emoções incontidas.

R.M.: Como está a Urologia brasileira em relação aos outros países do mundo?

Srougi: Muito respeitada. A área assistencial é de elevada qualidade no Brasil e o nível de capacitação técnica dos nossos urologistas é muito alto. No entanto, ao olhar para os hospitais públicos e para aqueles vinculados ao setor complementar, que é onde trabalham 95% dos médicos brasileiros, vislumbramos um quadro indigente, com instituições mal equipadas e quase sempre em situação de penúria, com pessoal das áreas médica e paramédica mal remunerado, quase sempre insuficiente numericamente e sem nenhum estímulo para a sua progressão na carreira. E pior, lidando com uma população marginalizada e altamente vulnerável, com grande dificuldade para sobreviver por si só. Nessa situação, até os profissionais mais qualificados e motivados não conseguem cumprir o seu papel, não tem condições de atuar condignamente. Mesmo assim, muitas vezes são responsabilizados injustamente, por governantes e gestores mal intencionados, pela precariedade do atendimento oferecido à população.

Bastante diferente do quadro que se desenha com os pacientes pertencentes aos estratos sociais mais privilegiados, atendidos nos nossos melhores hospitais, que não tem nada a perder para as boas instituições de saúde internacionais. Nesses locais os urologistas dispõem de todo arsenal e dos recursos tecnológicos mais atuais, o que permite que desempenhem sua missão numa dimensão maior. Esse último cenário, infelizmente, só é usufruído por uma parcela ínfima dos cidadãos e médicos brasileiros.

R.M.: Nesse sentido, você acha que a mídia influencia negativamente a opinião que a população tem sobre a Medicina?

Srougi: Influencia, obviamente. As notícias que envolvem problemas na atuação ou na relação médico-paciente, sempre geram sentimentos e reações públicas muito fortes, desproporcionalmente exageradas. Tenho alguma dificuldade para explicar essa relação ambígua de amor e ódio dos pacientes para com os médicos, sempre bem explorada pela imprensa nos momentos de conflitos. Talvez ela se relacione com aquela imagem sagrada e onipotente que se tem dos médicos e com o fato de termos acesso aos sentimentos e às imperfeições mais íntimas e secretas de uma pessoa. Quando o médico mostra-se falho e tão comum, toda a decepção e a perda de confiança manifestam-se de forma violenta e irracional.

De qualquer forma, a mídia tem que ser vista como

“Ninguém deve perseguir obsessivamente a idéia de ser o melhor médico. A busca deve ser pela perfeição possível e pela integridade, com isto e, sem sofrimentos, nos transformaremos em bons médicos, o que é mais do que suficiente para sermos felizes”

um agente altamente positivo numa sociedade onde a democracia não é exercida na sua plenitude, como é a nossa. Infelizmente, a fragilidade política que prevalece em nosso país permitiu que um sem-número de oportunistas e ímprobos tomassem de assalto o Estado e se locupletassem de maneira vil. Esse processo só não atingiu níveis de indecência total por causa da vigilância e do repúdio da imprensa, que vem cumprido condignamente o seu papel.

Ainda em relação à pergunta, gostaria de lembrar um dogma seminal em comunicação, enunciado por um professor de jornalismo norte-americano: “Se um homem é mordido por um cachorro, isso não dá notícia; mas se um homem morder um cachorro, isso dá notícia”. As ações da mídia são pautadas por essa regra perversa, ou seja, ela tende a divulgar os fatos mais bizarros e inesperados. Essa postura, em alguns momentos, coloca o médico numa situação impiedosa, se ele cometeu alguma falta. Por outro lado, essa

mesma postura às vezes produz injustiças contra médicos sem culpa; mesmo assim, acho que o papel de vigilância da imprensa é necessário, pois serve para coibir exageros dos médicos que atuam além dos limites da decência.

R.M.: Você recentemente publicou o livro “Próstata: Isso é com você”, direcionado para o público leigo, explicando o funcionamento prostático, as afecções e tratamentos disponíveis. Essa é uma das formas de usar a mídia a favor da Medicina?

Srougi: Sem dúvida, a mídia pode e deve ser utilizada pelos médicos para o bem comum. Informações precisas e éticas sobre a preservação da saúde, sobre a detecção das doenças mais frequentes, sobre ações governamentais bem-vindas ou incorretas ou sobre dados divulgados erroneamente, somente podem ser feitas pelos médicos. Essa oportunidade não pode ser perdida, sempre que ela se apresentar para qualquer um de nós.

R.M.: Qual a sua mensagem para os estudantes de Medicina? O que você recomenda para os futuros médicos?

Srougi: Os alunos precisam compreender que a Medicina é a mistura de ciência e humanismo, seremos incompletos como profissionais se nos preocuparmos em solucionar exclusivamente os distúrbios físicos, utilizando os nossos elixires ou bisturis toscos. Os alunos devem estar cientes de que só cumprirão com grandeza a sua missão se atuarem como nos tempos anciães, quando o médico era o guardião do

“Os estudantes de Medicina devem tentar preservar o idealismo com que entraram na faculdade, quase sempre puro, altruísta, de alguém determinado a aliviar o sofrimento humano ou criar novos conhecimentos na área médica”

corpo e da alma.

Existem outros princípios que também nunca devem ser esquecidos. Tanto a Medicina como os médicos são falíveis e esse conceito precisa ser sempre colocado em discussão com os pacientes, para que a relação possa ser desenvolvida numa perspectiva realística e não mística. O estudante não pode se deixar seduzir pelo poder pessoal concedido pela Medicina, que é irreal e efêmero, ele precisa ter uma noção perfeita das nossas limitações.

Os estudantes de Medicina devem tentar preservar o idealismo com que entraram na faculdade, quase sempre puro, altruísta, de alguém determinado a aliviar o sofrimento humano ou criar novos conhecimentos na área médica. Infelizmente, esse idealismo se esvai com o tempo, à medida que os estudantes percebem as impropriedades de comportamento de muitos profissionais ou entram em contacto com as relações confusas que, às vezes, permeiam a hierarquia médica. O idealismo também é desconstruído quando constatarem que serão obrigados a exercer suas ações imersos num sistema de saúde pública incompetente e injusto, quando se dão conta de que a maioria dos profissionais é afrontada por salários incapazes de propiciar a vida digna ou quando percebem que viverão acuados por entidades privadas de assistência, que cerceiam e impõem restrições perigosas a autonomia médica na sua atuação profissional. Pior ainda, ficarão frequentemente perplexos e desmotivados com a intransigência desconcertante da sociedade, incapaz de

“Recomendo muito trabalhar no Show Medicina e freqüentar a Atlética, obviamente incluindo suas festas”

aceitar a derrota em fatos inexoráveis, como a decadência física pelo tempo, a existência de doenças incontornáveis ou a morte implacável. E, também, perceberão a postura injusta dos setores de governança na área da saúde, que para justificar suas deficiências ou incompetência, costumam atribuir aos médicos todas as indigências da saúde pública.

Além disso, os alunos devem dirigir um olhar constante para aquelas pessoas que representam os exemplos de comportamento pessoal, profissional e acadêmico, eles sempre apontarão os bons caminhos a serem percorridos.

Também é importante que ninguém passe a perseguir obsessivamente a idéia de ser o melhor médico, a busca deve ser pela perfeição possível e pela integridade, com isto e, sem sofrimentos, nos transformaremos em bons médicos, o que é mais do que suficiente para sermos felizes.

Não posso terminar sem lembrar que a existência no período da faculdade tem de ser vivida intensamente. O bom aluno deve se pautar pela procura do conhecimento, sem esquecer que é uma pessoa inserida na sociedade, e que, portanto, deve se espriar pelo mundo, aprofundar suas amizades e relações sociais, enriquecer-se culturalmente, cuidar do seu corpo e, recomendo muito trabalhar no Show Medicina e freqüentar a Atlética, obviamente incluindo suas festas. Só assim ele crescerá sob o ponto de vista pessoal, entenderá o que ocorre no seu entorno e exercerá suas ações como Médico com mais grandeza. Com essa combinação, não escapará de ser feliz.